





LIVRO II

**ESTRELA ESCARLATE**  
**O Início**

1ª Edição

Ignácio Salieri

Copyright © 2021 by Ignácio Salieri

Revisão

*Ana Caroline Cavalcante de Menezes*

*Andreza Renata Lima da Silva*

Capa e Diagramação

*Ignácio Salieri*

Salieri, Ignácio 1994-

Estrela Escarlata : O Início : Livro II / Ignácio Salieri – 1. ed. – Caruaru, PE : Ed. do Autor, 2021. 534p. ; 21cm.

ISBN: 978-65-00-13307-3

Todos os direitos reservados ao autor da obra.

1. Romance brasileiro. I. Título

CDD: 869.3

20-48948

*Que a leitura seja tão prazerosa  
quanto foi o ato de escrever esta obra.*



# Prólogo

---

A neve passou de um tom usualmente pálido para um assustador vermelho escarlate conforme as noites de peleja haviam se desenrolado.

“Não tema.” Disse minha irmã tocando de forma suave meus dedos com as pontas dos seus.

Caminhamos vagorosamente por entre centenas de corpos carbonizados. Corpos de vampiros que morreram durante as intermináveis batalhas que se sucediam, noite após noite, em um banho de sangue que, segundo a profecia, precedia a vinda do vampiro que uniria todas as famílias e levaria sua espécie à dominação total.

*Ou extinguiria os malditos da face da Terra.*

Vencemos o raio de mais de duzentos metros de corpos que circundava o antigo castelo. As muralhas brilhavam em vermelho vivo sob os raios solares no ângulo específico pertencente ao crepúsculo, que era prematuro àquela região.

“É enfim chegada a hora.” Disse Arabella.

*O dia do sétimo...*

Atravessamos o portão oeste por entre frestas abertas no robusto pedaço de madeira escura e maciça que o guardava, seguindo pelo pátio externo, interno e adentrando o imenso salão principal de colunas gregas e ornamentos romanos, celtas e de tribos tão antigas que nem mesmo o

mais antigo dos vampiros a caminhar sobre a Terra poderia saber de onde vinham.

Tapetes persas e egípcios cor de areia caíam pendurados entre as magníficas colunas tingidas por manchas de sangue ainda úmidas do vampiro que conseguira chegar mais perto de seu objetivo.

Ele jazia a menos de dois metros do altar feito de um mármore tão alvo quanto leite, onde ‘O Escolhido’ permanecia imóvel, completando sua transformação.

“Você sabe que não conseguiremos completar o ritual antes do anoitecer, não é?” Alertei minha irmã que permanecia segurando firmemente uma de minhas mãos.

“Sim, o tempo todo,” ela respondeu com o rosto duro. “Esse nunca foi o nosso objetivo. Temos apenas de completar o ritual, mesmo que acabemos mortas no processo.”

Aquela sensação nauseante me tomou mais uma vez.  
Medo.

Medo dos vampiros carbonizados que jaziam inertes no terreno descampado e na encosta da montanha que se erguia por trás do castelo, medo dos vampiros ainda vivos que curavam as feridas de maneira precária nas tumbas, calabouços e aposentos ausentes de luz espalhados por todo o castelo, e em cavernas nas montanhas em seu entorno após dias e mais dias de batalha.

“O que teme?! A morte?” Inquiriu.

Nunca havia temido a morte durante todo o tempo em que estive vivendo nas sombras do mundo verdadeiro, presa a uma realidade sem graça e destoante do que acontecia à penumbra do universo, onde as três famílias remanescentes

dos vampiros ancestrais ainda viviam e lutavam entre si; onde as bruxas haviam sido praticamente extintas.

Danskrovs, Sveatsis e Kraryagis guerreavam há centenas de anos pelo domínio de territórios e pelo monopólio da existência à custa de milhares... Milhões de vidas humanas.

Existiam também os vampiros ancestrais, vampiros vermelhos ou ‘vampiros comuns’, como eram normalmente chamados em tom de desprezo pelos pertencentes às linhagens nobres da espécie. Estes lutavam pela sobrevivência e, assim como a nobreza vampiresca, temiam o extermínio.

As bruxas, por sua vez, haviam tido seus principais clãs e respectivos anciões dizimados durante o século dezesseis e dezessete, não apenas pelos vampiros, mas também pelos próprios seres humanos em um tempo onde caçar nossos ancestrais era algo imposto pela igreja Cristã.

“Não temo a morte.” Disse seriamente.

“Não a sua morte...” Arabella me encarou. “Teme a morte de outra pessoa... Não pessoa, vampiro. Você teme que seu amado seja morto em batalha.”

Tentei parecer frígida, porém minha expressão sempre me traía quando mais precisava.

“Você não pode amá-lo!” Seu rosto era puro escárnio. “Ele é apenas mais uma peça diante da profecia, você sabe disso, Annabelle.”

Os raios de sol já não podiam ser vistos quando começamos o ritual. Arabella preparou as velas e os objetos

necessários ao passo que eu fazia o círculo, posicionando cuidadosamente os cristais diante do altar onde Ele descansava, completando sua transformação arquitetada pelos mais perversos vampiros que já existiram.

Assim que começamos os cânticos, pude sentir uma movimentação para além das paredes do castelo. Eram eles, os demônios acordando após o sol ter se posto.

Não tínhamos mais tempo.

Arabella entoava os versos do feitiço enquanto um vento gélido preenchia o salão principal, quebrando alguns vitrais espalhados pelas grossas paredes de pedra cinza-grafite que nos circundavam.

A luta havia recomeçado ao redor do castelo e o som de fogo, rosnados e gritos de fúria, dor e desespero cresciam vindos de todos os lados.

Os vampiros que defendiam o castelo deixavam as tumbas e os calabouços para combater por sobre as muralhas, tentando impedir os invasores de sua própria espécie.

Um urro crescente fez com que eu abrisse os olhos.

Era um vampiro que havia conseguido adentrar o salão principal, saltando pelo vão deixado por um dos vitrais quebrados.

“Não!” Gritava. “Não, não!”

O vampiro deixou-se cair ao lado do corpo de uma vampira que encarava o teto, próximo a nós.

“O que... O que aconteceu a ela?” Ele me encarou ainda aturdido. “Responda, bruxa!”

O vampiro caminhava rapidamente em minha direção com os olhos arregalados – as íris totalmente rubras e brilhantes, embora não pudesse identificar a cor dos ranhos.

Ele estava a menos de três passos de me alcançar, quando Arabella ergueu a mão livre apontando dois dedos em sua direção. A besta caiu de joelhos se contorcendo com as mãos nos ouvidos, derrubado por uma frequência inaudível aos humanos, mas que podia causar uma dor imensurável aos ouvidos sobrenaturais.

“O que está fazendo?!” Franzi o cenho. “Deixe-o!”

“Ninguém pode atrapalhar nossos planos, Annabelle!” Minha irmã segurava-me a mão com ainda mais força. “Eles sabiam do risco, era uma missão possivelmente suicida...”

“Eles nos ajudaram!” Tentei desvencilhar-me do aperto, porém Arabella me manteve ligada a ela, como era essencial para o sucesso do ritual que necessitava de nossas forças combinadas.

O vampiro se contorcia pelo chão, os ouvidos explodindo, sangue escorrendo por entre seus dedos.

Tornei a encarar o altar, que agora estava muito mais iluminado que antes. Os cristais flutuavam ao redor do corpo inerte do Escolhido, refratando a luz prateada advinda da Lua e criando finos arco-íris por todo o salão.

Ele ainda urrava de dor. Não aguentaria aquela tortura por muito mais tempo.

Reuni todas as forças e puxei a mão do aperto de minha irmã. O vendaval que acontecia dentro do salão foi cessado e os cristais despencaram, estatelando-se sobre o piso, assim que nossas mãos se separaram.

O vampiro soltou um brado de alívio, permanecendo deitado encarando o teto abobadado do imenso aposento.

“Annabelle!” Minha irmã gritou logo que deixei a posição ajoelhada ao seu lado.

“Acorde.” Agachei próximo à cabeça do vampiro caído. “Fale comigo! Por favor...”

“Estou bem.” Apoiou-se nos cotovelos. “O que há de errado com vocês?! Vocês nos abandonaram!”

“Estamos atrasadas... Precisamos concluir o feitiço.”

“O que aconteceu a ela?! Conte-me, por favor...” Seu semblante era puro desespero, as lágrimas rubras descendo lentamente, formando finos filetes de sangue em suas pálidas bochechas vampirescas. “Como pude deixar...”

“Nós... Nós não sabemos. Acabamos de chegar.” Meus olhos enchiam-se de lágrimas cristalinas. “Eu sinto muito, sinto muito de verdade.”

Apenas dois segundos se passaram e, quando abri a boca para lhe perguntar onde estavam os outros, o som de madeira quebrando encheu o salão.

As portas centrais estavam agora ao chão. Por entre a nuvem de poeira pude enxergar a silhueta de um homem alto e esguio.

“Annabelle!” Arabella gritou.

“Eu cuido dele,” o vampiro pôs-se de pé.

“Mas você não pode derrotá-lo,” segurei com força o seu pulso. “Você sabe disso, ele é muito mais antigo e...”

“Você precisa terminar o feitiço.” Ele gritou. “Vá agora! Rápido! Vá!”

Corri até minha irmã que já havia reiniciado o cântico, parando de joelhos ao seu lado. Cerrei os olhos novamente e tomei sua mão.

O vento voltou a agitar os tapetes que rodopiavam chocando-se contra as paredes de pedra, e os cristais flutuavam novamente ao redor do altar, no entanto pelo menos três haviam se estilhaçado completamente ao atingirem o chão.

“Não está funcionando!” Gritei.

“Você precisa se concentrar mais para compensar a energia perdida.” Ela respondeu. “Vamos!”

Entoei o cântico com o máximo de força que pude e, após alguns segundos, senti a força fluir novamente como quando praticávamos feitiços mais complexos ainda na infância.

“Você a matou!” Ouvi uma voz masculina ao longe.

“Nem pense nisso.” Outra voz masculina, essa mais grossa, disse. “Se você der mais um passo, ponho uma flecha bem no meio do seu coração, sangue ruim.”

*Concentre-se...*

“Saia do meu caminho, seu imundo.” A primeira voz carregava um ódio mortal. “Dessa vez não terá ninguém para interferir a seu favor.”

“Dessa vez não irei errar.” A voz mais grossa gritou em resposta. “Vamos.”

“Não pretendo avisá-lo novamente.” A primeira voz disse e o som de luta pôde ser ouvido.

Nos instantes seguintes, Arabella apertou-me com tamanha voracidade ao canalizar meu poder durante o ápice

do ritual, que acabou quebrando pelo menos dois dedos de minha mão direita.

O vento cessou repentinamente e os cristais caíram, espatifando-se por completo desta vez. Caí batendo a barriga ao chão devido a força da quebra da corrente energética, e permaneci ali por alguns instantes.

*Está feito... Pensei. O Escolhido está morto, quebramos a profecia. Mudamos o destino...*

Abri os olhos e minha irmã jazia imóvel ao meu lado com o pescoço estraçalhado por uma mordida. Seus olhos negros estavam fixos e, no instante em que os vi, senti um forte arrepio.

“Ele vive...” Uma terceira voz disse.

Recuperei os sentidos e encarei o altar agora vazio.

“Nós falhamos...” A segunda voz, a mais grossa, tornou a falar agora em tom pesaroso. “Nós...”

O som da voz deu lugar ao barulho de carne sendo estraçalhada e gotas de sangue chocando-se contra o piso empoeirado.

Uma voz aterrorizante ecoou por toda a extensão do salão, fazendo com que eu girasse o pescoço e o avistasse ao longe. Era Ele, O Escolhido, parado de costas em suas vestes alvas empapadas de sangue dos vários cadáveres que ali se encontravam.

Todos jaziam imóveis no salão. Rostos conhecidos, pessoas e vampiros que haviam nos ajudado a chegar até ali, jaziam encarando o vazio; fosse com os pescoços estraçalhados ou com torso aberto e o coração em pedaços.

Ele girou e seus olhos penetrantes e aterradores me encararam.

Após muito tempo, não sabia exatamente quanto havia se passado, acordei suada e ofegante, com a chuva a lamber os vidros em formato de losangos da janela ao lado da minha cama.

Meu sono sempre veio com facilidade e sempre foi pesado, porém naquela noite, o som tranquilizante dos pingos batendo de encontro com o telhado e as janelas me fez girar até apagar totalmente horas depois e só acordar após um pesadelo horrível...

“Annabelle?! Está tudo bem aí?” Minha irmã questionou de sua cama.

“O sinal.” Respondi respirando ofegante por entre as sílabas de cada palavra. “Acho que acabei de vê-lo.”

Arabella arregalou os olhos.

*Com duas pedras iniciará sua caçada.*